



ARTIGOS



## **Professor e Gay:** Relações Da Presença Homossexual No Espaço Escolar

Marllon Caceres Gonçalves, *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*  
Josiane Peres Gonçalves, *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

---

Resumo: A ótica de uma sexualidade vista socialmente como “normal” carrega processos históricos e sociais que formam uma marca estigmatizante sobre a homossexualidade. Neste sentido, o objetivo deste estudo é refletir sobre as questões que permeiam a homossexualidade masculina e a presença de professores gays no espaço escolar, destacando como são suas vivências neste local. Para esta investigação qualitativa em educação, foi utilizada a análise de entrevistas realizadas com sete professores homossexuais. Por meio dos dados obtidos, foi possível constatar a declaração, ou não, da sexualidade no espaço escolar e como se desdobram as vivências a partir da presença de um professor homossexual em espaço escolar, as relações com outros professores, assim como as relações com alunos e alunas. Os resultados apresentam a possibilidade de a presença de um professor homossexual no espaço escolar como uma forma de visibilidade desta sexualidade, para além das construções discriminatórias e estigmatizadas da sociedade, a qual pode corroborar com a compreensão da construção da pluralidade dos conceitos de gênero e sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Sexualidade; Homossexualidade; Educação; Professores Homossexuais.

---



## Introdução

Uma noção estigmatizante norteia a construção de um pensamento notoriamente discriminatório em face da homossexualidade, processos históricos e culturais instauraram a menor valia a esta sexualidade. Em tempos anteriores foi considerada como um crime, pecado, patologia e muitas vezes utilizado de penalização de morte a pessoas que ousavam sua prática. Assim, neste estudo pretendemos esboçar uma noção acerca dessas práticas discriminatórias que predominam no cotidiano e se naturalizam mediante a falácia do discurso do desconhecimento.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as questões que permeiam a homossexualidade masculina e a presença de professores gays no espaço escolar, destacando como são suas vivências neste local. Assim sendo, em acordo com Guacira Lopes Louro (2014), norteando a compreensão da escola como espaço de ocultação/negação da homossexualidade, ou seja, ao não se falar desta sexualidade se faz como garantia de uma norma e a negação de sua existência.

A consolidação de uma dita sexualidade vista como “normal” se faz presente na constituição da sociedade brasileira suturada historicamente. Quando pensamos em processos socioculturais podemos inferir que há um posicionamento que privilegia a manutenção das normas de gênero e da discriminação à diversidade de sexualidades.

Esses processos se instauram desde a colonização do território brasileiro, desde a consolidação como colônia portuguesa a repressão da sexualidade se faz presente, principalmente a discriminação da sexualidade homossexual que neste momento era considerada crime, pecado, passível de pena de morte. Vale ressaltar que, comumente, os alvos mais diretos da repressão homossexual são homens, ou seja, os gays; sobre este viés o autor Douglas Verbicaro Soares (2016), ressalta que os períodos de ordenações a condenação da homossexualidade como períodos que norteavam suas punições em nome da fé. Ele argumenta que:

Foi em território brasileiro, que se ensaiaram as primeiras práticas e condutas coercitivas nas colônias, a todas as pessoas que ousassem a infringir os



preceitos religiosos do período. [...] aplicaram em nome da lei e da fé, diversas condutas condenatórias aos homossexuais. (SOARES, 2016, p.53).

A garantia das condutas religiosas impostas pelo catolicismo se engendravam no Brasil enquanto colônia portuguesa, trazendo as condutas discriminatórias e pregando a condenação a homossexualidade se valendo de posturas moralistas religiosas. Estas condutas moralistas não permitiam compreender a sexualidade como Icaro Bonamigo Gaspodini e Jaqueline Gomes de Jesus (2020, p. 35) apontam como “[...] à capacidade de cada pessoa para uma profunda aptidão emocional, afetiva e sexual, bem como relações íntimas e sexuais com indivíduos de um gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero”.

Esta herança moralista religiosa ainda se apresenta na constituição social atual, quando as problematizações se referem a pautas dos direitos e luta por reconhecimentos igualitários da minoria Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual + (LGBTQIA+). Pois ainda há sujeitos sociais que carregam e reafirmam esta constituição desigualitária, estigmatizante e discriminatória e ainda

[...] consideram os homossexuais como sujeitos que vivem em pecado, que colidem com os preceitos divinos, que não respeitam valores morais e dos bons costumes antigos da sociedade. Esse ideário, formado no preconceito, atesta o argumento defendido por muitos em que, supostamente, os homossexuais representariam um risco à manutenção da ordem, paz social e aos valores cristãos dos textos religiosos. (SOARES, 2016, p. 54).

Fazendo-se instaurar pela fé cristã a discriminação que se sutura aos processos históricos da sociedade brasileira e que ainda busca lacunas e propagação para a garantia de ainda se compreender as multiplicidades de possibilidades afetivas por um viés desigualitário. É neste sentido da dominação em nome da fé, que Michel Foucault (2017) explicita o silenciamento dado à sexualidade e a constituição dos corpos, um torno do controle do dispositivo da sexualidade e da construção do discurso a favor da gestão da vida.

Foucault (2017) postula que, desde o início do século XVII, a sexualidade foi cuidadosamente encerrada, mudando-se para dentro da casa, confiscada pela família conjugal, realizada em função reprodutiva e em torno do sexo: se cala. O casal legítimo impõe a lei, se faz como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade. Aos que sobram resta encobrir-se,



ter pudor nas atitudes, esconder os corpos e se mostra-se demais vira o anormal e receberá esta nomeação e deverá arcar com as consequências.

Instauram-se assim, em acordo com Foucault (2017), as disciplinas do corpo, desenvolvendo a organização do poder sobre a vida. Uma explosão de técnicas diversas para obterem a sujeição dos corpos que originam o controle da população, se denominando biopoder, mantido pela disciplina e regulação dos corpos e da sexualidade. O dispositivo da sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder e produções de verdades que lhe constitui enquanto uma adequação ao desejável, o discurso ele fala e ele faz a regra, assim como dispõe de instâncias regulatórias para a garantia da regra sendo um deles o espaço escolar.

Louro (2014) ressalta então que a escola atua como um espaço das garantias das normas e condutas sociais, que esta instituição opera na garantia das normas vigentes na cultura e momento histórico na qual se realiza e neste sentido que “[...] a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. (LOURO, 2014, p. 85). Ou seja, ignorar questões pertinentes à sexualidade não a fará desaparecer do espaço escolar, pois a sexualidade faz parte dos sujeitos que constituem a escola.

Partindo deste pressuposto de que a sexualidade não é algo que possa se “despir”, entendemos que a escola está na contramão, por ignorar e se manter alheia a essas questões. Sobretudo quando se trata da presença de pessoas que não atendem aos padrões aceitos socialmente, a escola se mantém em silêncio e indiferente, sem acolher as diversidades de gênero e sexualidade. Ademais, no que tange a heterossexualidade, é importante considerar que:

A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. (LOURO, 2000, p. 13).

A autora expõe o que Foucault (2017) apresenta como a norma e os que estão fora dela se constituem como os anormais. Assim, Louro (2013, p. 44) apresenta essa garantia da norma denominada como o centro, “[...] materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média”. E todos e todas que se



constituem fora destes padrões são os excêntricos, e sob estes predominam

[...] a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da “normalidade” (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero). (LOURO, 2014, p. 84).

Consequentemente essas representações sociais que buscam adequar as identidades masculinas e femininas se norteiam por um padrão, pela garantia de um status de normalidade. É neste sentido que:

[...] a noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e sexualidades, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidades e de feminilidades e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade. (LOURO, 2013, p. 45-46).

Sob esta ótica, entende-se que posicionamento escolar se faz pela ignorância e pelos silenciamentos e isto ocorre não por este local desconhecer as questões de gênero e sexualidade, mas sim pelo fato de ignorar, porque de fato os conhece. Por conseguinte, dá-se continuidade aos processos de formar novos sujeitos “[...] nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve” (LOURO, 2014, p. 85).

Então, a atenção se faz na garantia da sexualidade vista como “normal”, das constituições das diferentes identidades masculinas e femininas que atendam as demandas sociais e as normativas padronizadas. Vale-se dessas regras não somente o corpo discente que neste espaço se constitui, mas todos e todas que convivem no espaço escolar estão sujeitados às “[...] formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma atenção redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores ou formadoras”. (LOURO, 2014, p. 110).

Por consequência, a atenção redobrada a professores e professoras que atuaram nos processos formativos destes novos sujeitos sociais se faz sob a mesma ótica da garantia e propagação destes padrões inatos instaurados em escala histórica e social. Ou seja, a garantia desta adequação aos padrões identitários de masculinidades e feminilidades, a



tendência inata a sexualidade heterossexual, trazendo à tona a garantia da normalidade construída e propagada histórico e culturalmente.

Faz-se necessário pontuar, em acordo com Foucault (2017), que vivemos em uma sociedade que fustiga suas hipocrisias e fala prolixamente sob seus silenciamentos, denuncia seus poderes e ao mesmo tempo promete deles libertar-se. Falamos assim da construção de uma sociedade sob a ótica de uma utopia libertária, mas que a todo instante recorre e anseia pela retomada das rédeas de um conservadorismo coercitivo e nocivo. Portanto, uma postura docente de questionar todas as “naturalidades” socialmente construídas, a fim de

[...] nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições. É possível, então, que a história, o movimento e as mudanças nos pareçam menos ameaçadoras. (LOURO, 2013, p. 53).

Com base no exposto, torna-se importante reafirmar o caráter construtivo das normativas de gênero e sexualidade, como possibilidade da compreensão do caráter plural destes conceitos que constituem identidades, personalidades e possibilidades de vida. Em face da relevância da vivência de professores gays em um espaço de instauração de um biopoder (FOUCAULT, 2017), que visa a adequação de corpos e sexualidades que mantenham os padrões impostos e garantidos socialmente, estas vivências demonstram a possibilidade da existência e resistência enquanto alternativas de realidades para além das construções discriminatórias e marginalizadas da homossexualidade em questão.

## Metodologia

A postura metodológica adotada para esta investigação se caracteriza pela natureza qualitativa de levantamento de dados, permitindo trilhar caminhos de investigação dos fenômenos “[...] adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, [...] procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.” (CHIZOTTI, 2014, p. 28). Utilizamos a abordagem da análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2002), como fio condutor analítico, campo este que permite



[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2002, p. 31).

Mediante as possibilidades de técnicas de coleta de dados, foram realizadas entrevistas norteadas por um roteiro semiestruturado que fomentou a investigação sobre a vivência de professores homossexuais no espaço escolar e quais são as relações que se desdobram através de sua presença neste local. O instrumento utilizado para a coleta de dados foram entrevistas gravadas norteadas por um roteiro previamente elaborado. Tal escolha se deu pois as entrevistas apresentam “[...]flexibilidade para introduzir, alterar ou eliminar questões, de acordo com as necessidades da pesquisa, identificadas ao longo da entrevista.”(BERTUCCI, 2014, p. 63). Sequencialmente, os dados recolhidos foram estudados e analisados por temáticas em comum originando agrupamentos que se denominam unidades de significados.

Para a coleta de dados fidedignos a experiência de professores homossexuais no espaço escolar, foram convidados sete professores homossexuais para compartilhar suas vivências a fim de corroborar com os objetivos deste artigo.

Diante da necessidade de manter a originalidade dos dados levantados, bem como a necessidade de garantir o anonimato das identidades dos participantes da pesquisa, os sete professores entrevistados foram denominados com base nas sete cores constituintes do arco-íris, sendo eles: Anil; Azul; Amarelo; Laranja; Verde; Vermelho e Violeta.

Os critérios de inclusão foram definidos por professores homossexuais de quaisquer áreas de conhecimento específico, independentemente do nível escolar de atuação e que possuíssem três anos ou mais de atuação docente. Foram excluídos professores não homossexuais e que possuíssem experiência docente com menos de três anos de atuação docente. Os mesmos tinham idade que variava entre 22 e 32 anos, a formação profissional incluía as áreas de história, artes,



pedagogia e biologia e a atuação como docentes variava entre 3 e 10 anos de profissão.

Procuramos então por uma metodologia que nos permitisse abordar o levantamento de dados em sua riqueza de informações e respeitando a forma que eles foram coletados e posteriormente transcritos, sob a ótica de atender a problemática investigada.

## **Da Vivência De Professores Homossexuais No Espaço Escolar**

As considerações investigativas se iniciam então pelo posicionamento destes professores colaboradores sobre a declaração ou não sobre sua sexualidade no espaço escolar. Se há o conhecimento de sua homossexualidade pela comunidade escolar em si, incluindo gestores, colegas de trabalho, corpo discente, para compreender como se desdobram as relações de suas vivências neste espaço de formação de novos sujeitos sociais.

De acordo com Renan Gomes de Moura, Rejeane Prevot Nascimento e Denise Franca Barros (2017, p.1483), no processo de construção de uma identidade profissional há “[...] um modelo socialmente construído de masculinidade dominante no persuasivo discurso gerencialista que seria imposta aos indivíduos como adequada no mundo profissional, cabendo a homens e mulheres adequar-se a tal padrão”. Somado a esta abordagem, Joan Scott (1995) ressalta que a construção do masculino se faz na constante negação e repulsa ao feminino. Já Butler (2019) aponta que a construção de corpos de homens e mulheres não inferem que estes performarão masculinidades ou feminilidades, nem garantem o binarismo de gênero e sexualidade.

Nesta ótica de identidade profissional, em que se exigem posturas adequadas a certos padrões; construções sociais herdadas de um contexto da menor valia e discriminação à homossexualidade, que os professores pontuam que a declaração de suas sexualidades ocorre de modo natural. Os entrevistados Violeta e Vermelho analisam:

Não que eu me sinta assim, completamente... é... a vontade de poder falar da minha vida assim, até mais porque é uma postura minha assim, na verdade eu não estou nem me recolhendo de nada assim, sabe? (Violeta).



[...] sim, as pessoas sabem da minha... da minha orientação sexual, porque... eu... eu procuro deixar claro, não no sentido de na hora da contratação ou na hora de assumir o concurso público eu falar que sou, né? Mas disso agi com bastante naturalidade (Vermelho).

O posicionamento dos professores Violeta e Vermelho expressam as questões da sexualidade ao serem descobertas através da naturalidade do contato com os mesmos, com o desenrolar de relações expressas pela vivência com estes professores, sob este viés o professor Amarelo ressalta que:

Nas escolas públicas, é... elas tinham conhecimento, não de maneira aberta, no momento em que eu chegasse eu dizia: olha eu sou gay e vim dar aula aqui. Mas ao longo desse processo elas... a gente ia tendo algumas conversas, com alguns colegas, com a... equipe gestora e acabava ficando claro isso. Nas particulares não, elas... as que eu trabalhei sempre exigiam posturas imparciais dos professores (Amarelo).

A fala do Amarelo se assimila aos processos de naturalidade e contato já mencionado pelos outros professores, mas se somando a um posicionamento que visa uma construção de silenciamento da sexualidade, estando em conformidade com a fala do professor Laranja ao expor sobre a declaração de sua sexualidade que “[...] os professores que trabalham lá sabem, a direção escolar sabe, porém os alunos não.” (Laranja). As afirmações propostas pelos professores sobre a abordagem natural da declaração sobre suas sexualidade ou até mesmo a tentativa de silenciamentos das mesmas no aproxima a compreender que a sexualidade

[...] está presente como uma espécie de atmosfera. Se o ser humano é definido pela sua experiência social, o mesmo sem sistema sexual é tão inconcebível quanto não ter pensamentos. Da mesma forma como se discute a sexualidade humana, discute-se também a liberdade enquanto uma condição de ser. Não se consegue pensar, explicar, ou reduzir a sexualidade a outra coisa além de si mesma, a não ser ela mesma. (KERN; SILVA, 2009, p. 510).

Este viés da declaração ou não sobre sua sexualidade, o trato ou não com naturalidade, da capacidade de percepção da mesma, pode estar relacionado com o que Louro (2000, p. 24) afirma que aqueles e aquelas “[...] que se reconhecem nesse lugar, ‘assumir’ a condição de homossexual ou bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização”. Nesse sentido, a escola

[...] nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que



adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 24).

Os relatos dos professores sobre a declaração ou não sobre sua sexualidade, ainda mais no sentido do silenciamento da mesma, entram em acordo com o que postula Louro (2000), que a escola é um espaço que ignora questões de sexualidade, principalmente quando se trata da homossexualidade.

Ao posicionar a escola como este local que produz esses silenciamentos sobre a sexualidade, Michel Foucault (2017, p.157) explicita o fato de que a instituição escola atua do lado da disciplina dos corpos, ou seja, “[...] faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias”. Evidencia-se assim uma biopolítica de adestração dos corpos e controle da sexualidade com o discurso em favor e gestão da vida.

Logo, a escola é este local que atende aos interesses de uma política e poderes sociais, as relações que se estabelecem em seus espaços não se fazem somente pela declaração ou não sobre sexualidade. Mas também poder compreender a escola como

[...] constituída de vários “atores sociais”, que têm um papel muito importante a cumprir, promovendo o debate, ampliando o conhecimento dos alunos e alunas, bem como de si mesmos, como seres em constante transformação. Neste sentido, a escola pode ser um espaço promotor da ética, do respeito às diferenças e de esperança. (SOUZA, 2012, p. 225).

Ou seja, apresentase então um espaço da possibilidade do reconhecimento e validação das diferenças e diversidade. O próximo ponto relatado em questão se faz por a partir do conhecimento da homossexualidade destes professores, como se dá a relação com outros docentes destes locais e o professor Vermelho considera que:

[...] isso é tranquilo, aqueles que eu acredito que não gostem ou não... não aprove e tudo mais, há uma relação cordial de trabalho. Eu também não forço, né? Também não fico puxando assunto ou perguntando se a pessoa, né? o que que ela acha e tudo mais, de forma alguma. Então, eu acredito com essa minha... assumindo a orientação sexual eu acredito que eu não agrado, acredito não, eu não agrado todos os colegas de trabalho, né? Mas aqueles que, porventura não...



não aprovam... acham que não é uma coisa oportuna, eu também não forço, com aqueles nós temos uma relação cortês, sabe? De... de trabalho. (Vermelho).

O professor Vermelho menciona as relações como cordiais e de trabalho, ressaltando que não força contato com os colegas docentes os quais parecem desaprovam sua sexualidade. É importante destacar que a homossexualidade “[...] refere-se, assim, ao interesse e o desejo sexual relacionado às pessoas do mesmo sexo, sendo uma das possibilidades verificadas da sexualidade e afetividade humanas” (DE MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017, p. 1486). Sob este aspecto do contato com a pluralidade de sexualidades, o professor Verde afirma:

[...] os professores eles são mais... É... Eu diria... Mais bem resolvidos, né? Os que tão na educação eu acho que eles não têm muito problema com isso, assim né? Trabalhei com vários professores gays, com professoras que ficam com meninas também, né... Isso aí acho que é ok... (Verde).

O professor Verde expõe a situação de em sua carreira docente já ter trabalhado com pessoas de diferentes sexualidades e interpreta essas experiências sem possibilidades problemáticas. Já em contraste com o que relata o Verde, o professor Azul expõe uma vivência distinta, inclusive ao relatar as vivências com um colega docente homossexual:

[...] com alguns deles a gente tem um pouco de estranhamento assim, inclusive um que também é homossexual... porque as nossas ideias elas não... não se batem muito bem assim, porque ele acha que a pessoa sendo gay ela tem que se esconder, que você não pode beijar seu parceiro na frente de outra pessoa que é falta de respeito... e a minha cabeça é totalmente ao contrário, que a gente tem que ter os mesmos direitos, tem que fazer as mesmas coisas, né? E a gente acaba entrando em conflito com isso. (Azul).

O Azul menciona a diferença de posicionamentos sociais, mesmo de sujeitos que partilham as possibilidades afetivas de uma mesma sexualidade, no caso a homossexualidade. Ao expor os diferentes posicionamentos sobre direitos e a maior visibilidade sociais, como a demonstração afetiva e a livre demonstração de uma identidade marcada pela homossexualidade, que gera atritos, compreende-se que esta sexualidade ainda se encontra sujeitada a discriminações e estigmatização, pois

No século XIX com o enraizamento da força normativa do casal heterossexual o homossexual passa a ser rejeitado pela sociedade tendo em vista que nesse



período prevalecia a lei divina cristã, que abominava essa prática, e o homossexual passa a ser visto como portador de uma patologia, onde a noção de homossexualidade passa a ser um ato impróprio e imperfeito, pois era resultado da ideia de sodomia. (DE MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017, p. 1488-1489).

Estes ideais propagados históricos enraizados em um conservadorismo marcado pela garantia da heterossexualidade e com respaldo religioso ofereceram uma crença da superioridade desta sexualidade. É neste contexto que o Azul comenta sobre a convivência com professores que possuem vivências religiosas:

E tem dois professores, uma professora e um professor que eles são evangélicos, então essa questão da religião meio que acaba atrapalhando a nossa comunicação assim, sabe?...eu vejo que com todo mundo eles conseguem desenvolver mais as coisas, mas comigo meio que sempre tem aquele pé atrás para conversar sobre certas coisas, né? Principalmente quando vai falar sobre... feminismo... é, comunismo... essas coisas\ que eu começo a me empolgar para falar, eles já não gostam, sabe? Eles preferem ficar na deles assim... e eles me evitam assim, eu percebo isso. (Azul).

As heranças enraizadas em um contexto social marcam a sexualidade homossexual através do viés da patologia, do discurso moralista religioso que leva a crença e construção da hierarquia da heterossexualidade se fazendo como normativa social marcando assim, “[...] as aprendizagens culturais cotidianas que resultam na propensão para práticas cotidianas de invisibilização e estigmatização de indivíduos pertencentes a esses grupos sociais considerados inferiores” (GASPODINI; JESUS, 2020, p. 5).

Sob este tocante de resultados culturais, evidencia-se a atenção sobre como o “[...] casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.” (FOUCAULT, 2017, p. 7). E ao expor o fato de uma sociedade que fala prolixamente sob seus silenciamentos e produções de verdades, o Anil analisa:

Já vi professoras falando coisas, sabe? Eu lembro uma vez que eu estava com um aluno no segundo ano, eu dava aula de arte, aí a professora ficava falando dele o tempo todo, não deixava os outros meninos ficarem encostando nele... Porque criança gosta de se abraçar, ficar se tocando e ela não deixava os meninos chegarem rente... Sei lá, os alunos não chegavam perto dele, sabe? E aí, às vezes eu falava alguma coisa para ela... Que ele era criança, que isso não tava formado ainda, que era... Que era... Que ele ia descobrir isso quando ficasse mais velho e tal, e que não tinha sentido ela falar isso, mas mesmo assim, né? Ela sempre soltava umas coisas bem preconceituosas e tal... (Anil).



A situação exposta pelo professor Anil evidencia a aplicação da adequação dos corpos aos modelos de gênero e sexualidade propagados pelo contexto social, explicitando o fato de que:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida a pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instancias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios. (LOURO, 2000, p. 24).

Portanto, denota o fato da compreensão da pedagogização de sexualidades e identidades enraizados em processos de silenciamentos e estigmatização. Conseqüentemente, essa compreensão traz a necessidade de inferir que a “[...] sociedade organizada, junto com o Estado devem adequar suas estruturas e retirar os empecilhos que impeçam o reconhecimento do amor e respeito à diversidade, à sexualidade e aos Direitos Humanos.” (SOARES, 2016, p. 59). No que se refere à questões inerentes à presença e visibilidade, o Azul menciona a atitude de um dos seus estudante, pois:

[...] ele achava importante de ter um professor... um professor assim, porque ele falou que ele nunca tinha visto uma pessoa gay que era tipo bem-sucedida assim. Ele usou essa palavra na época, mas eu sei do que ele quis dizer, né? A gente não é bem-sucedido assim... (Azul).

O Azul expõe a marca estigmatizante e marginalizada carregada pela homossexualidade, principalmente na assunção de uma identidade marcada por esta sexualidade, uma vez que “[...] nossa sociedade está, o tempo todo, mostrando para as pessoas “diferentes” que elas são indesejadas ou que não há lugar para elas em nosso mundo” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 75). Neste sentido, o professor Vermelho aponta que a relação com os estudantes se desenvolve de forma palatável, por conta de sua identidade de gênero:

Eu acredito que seja muito pela minha identidade de gênero, né? Eu tenho... eu tenho, uma, uma, uma aparência, uma identidade masculina, mais masculinizada, vamos dizer assim, né? Que eu acho que isso é mais palatável pros alunos. (Vermelho).

Como nos afirma Louro (2000, p. 9), “[...] os corpos ganham sentido socialmente” e ao pontuar que as construções sociais sobre papéis da masculinidade se tornam mais palatável aos alunos, evidencia-se que a



garantia das normas sociais tem maior aceitação. Entrando em concordância com tal pressuposto, o professor Violeta afirma que:

[...] por mais que seja piadas de criança, mas providas por um preconceito mais provavelmente deve ter sido por conta de estereótipos, né? [...] de como se vestir, de como se falar, se portar, essas coisas do tipo assim, é então porque pela escola eu fui orientado a não mudar nada com eles assim (Violeta).

Com base nas vivências dos professores Vermelho e Violeta, podemos afirmar que “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2000, p. 22). A compreensão das diferenças pela desigualdade se instaura e se consolida em todas as extensões de convívio social, ainda se respaldando pela naturalização de suas ações discriminatórias, tendo em vista que:

De um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. (LOURO, 2000, p. 23).

Assim sendo, o palatável se torna as adequações aos padrões. As piadas e a homofobia deliberada e ensinada são consentidas e naturalizadas para aqueles e aquelas que não se enquadram na normalização e nas tendências inatas de seguir o padrão social que se consiste no “[...] modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade.” (LOURO, 2013, p. 45-46).

Esta concepção que tonar mais digerível aceitar a presença homossexual em espaços escolares quando esta se enquadra nos parâmetros das normativas sociais. Podendo afirmar que “[...] as organizações estão mais suscetíveis a aceitar em seu quadro de funcionários homossexuais, desde que não sejam afeminados e nem escapem do padrão social da heteronormatividade” (DE MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017, p. 1509). E mesmo essa aceitação da



presença homossexual nos espaços escolares não garante a segurança dos professores gays, como expressa o professor Amarelo:

Um dos alunos fazendo bagunça, eu pedi que ele se sentasse com toda a educação possível, é... ele me xingou e quando eu virei, eu, eu fingi que não ouvi, eu virei pro quadro pra continuar passando, ele me deu uma cadeirada nas costas e que aí eu fui repensando a minha carreira docente a partir dali, logo no... no primeiro ano, eu mudei de escola, fui pra uma outra, mas aquilo foi me fazendo muito mal, foi aí que eu resolvi me afastar do meu concurso e trabalhar em escolas privadas porque eu sabia que a pública era muito perigosa pra mim naquela época.(Amarelo).

Expressada pelo professor o relato de violência física, o que acarreta a decisão do mesmo de se afastar da carreira docente obtida pelo quadro funcional de concurso. Já o professor Violeta relata outro tipo de violência a integridade por conta de sua sexualidade:

[...] trabalhava com o fundamental II até ensino médio e aí eu tive alunos de sextos e sétimos anos... é... movidos por um preconceito assim, que começaram com um movimento digamos assim, bullying, né? De piadas, de... de apelidos, né? Nesse sentido, mas o que que acontece, tudo isso era velado na minha frente, então assim, eu mesmo não percebi. Eu me recordo na época que como eu entrei na instituição eu entrei muito focado em trabalhar, então talvez... por estar conhecendo os alunos eu não tive esse tato de poder perceber que alguma coisa acontecia mesmo que velado assim, mas aí essas piadas elas se estenderam por outras turmas, por corredores tudo e é uma escola que trabalha muito firme quanto a formação do estudante assim, então rapidamente ela caiu nos ouvidos da orientação educacional. (Violeta).

Quando Louro (2000) aponta que a homofobia é ensinada e consentida dentro do espaço escolar, se refere a situações como estas exemplificadas pelos professores. Situações que decorrem não somente nas relações entre docente e alunos/as, mas entre a comunidade escolar como um todo, todos que na escola transitam. Neste contexto que o preconceito se faz pelo tipo:

[...] “clássico”, explícito, tem por base objeções tradicionais e morais que desaprovam a homossexualidade (e.g. a homossexualidade é uma perversão, o comportamento homossexual é errado, os homossexuais são nojentos). O preconceito “moderno”, implícito, manifesta-se de forma mais sutil na oposição à extensão dos direitos civis das pessoas heterossexuais às pessoas homossexuais ou na crença de que a minoria homossexual está a perseguir vantagens ou direitos imerecidos (e.g. muitos/as homossexuais usam a sua orientação sexual para obter privilégios especiais; os/as homossexuais tornaram-se demasiado exigentes na sua luta por direitos iguais). (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012, p. 37).

Estes comportamentos se originam na crença da superioridade da sexualidade heterossexual em relação a homossexual, esta primeira que se alastras historicamente como uma normalidade inata. Para que assim,



segundo Gaspodini e Jesus (2020, p. 8), possamos refletir “[...] que crenças são aspectos fundacionais do aprendizado cultural responsável por naturalizar diferenças e localizá-las ‘dentro’ das pessoas, na forma de características individuais.”. Com base nesta utopia da superioridade marcada pela discriminação que o professor Verde relata:

[...] a diretora da escola me chamou para conversar e falou “Verde, o que que aconteceu?” aí eu falei “Ó, aconteceu isso, né? O aluno tal bebeu, ficou bêbado, tipo ele chegou a vomitar e eu falei vou levar você embora, né meu?” Não vou deixar você aí porque as pessoas já estavam indo embora e ninguém estava se preocupando com ele. Ela falou assim “Não, porque o pai dele veio aqui ontem dizendo assim que onde já se viu que um professor gay, com namorado, ficar dando carona para o filho dele e tal.”. E eu falei “Olha, fala que é para ele conversar comigo. Porque se a questão foi de eu levar o filho dele que, tipo estava completamente embriagado no carro, com o meu namorado, né, Se ele acha mais digno eu deixar o filho dele passando mal pelo simples fato de eu ser gay e estar com o meu namorado no carro... é... Tem que falar com esse pai.” Aí ela, “Aí então tá, eu vou falar isso para ele.” E aí o pai não veio, né? Tipo, não veio, mas foi essa coisa aí que quase, né? Soou como um tipo... preconceito, mas enfim, acho que o pai estava tentando encontrar aí um meio para justificar o fato de o filho dele ter ficado bêbado e um gay ter ajudado o filho dele, né? (Verde).

As múltiplas formas de violência e hierarquia das sexualidades se expressam pelas falas dos professores, ressaltando o comportamento que perpetua em nossa sociedade no sentido de que:

[...] parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. (LOURO, 2007, p. 203).

É intolerável admitir que as desigualdades encontrem continuidades e que as construções discriminatórias ainda marquem vivências que se constroem tanto no espaço da escola quanto fora dela. A proposta não se faz somente pela presença utópica e sem visão de construções de compreensões mais dignas de diversidade, mas sim pela possibilidade de

[...] criar alunas e alunos mais equipados para lidar com um mundo permeado de diferenças. Não podemos nos isentar da responsabilidade e do compromisso de gerar espaços mais democráticos e seguros. Por isso, quebrar o silêncio e encarar questões de diversidade e direitos não devem ser ações realizadas somente em situações de exceção ou problemáticas, mas cotidianamente e por todas/os as/os profissionais da escola. (LINS, 2016, p. 67).



Ações essas que podem encontrar fomento na vivência de professores homossexuais que experienciam o contato com o subjugamento social construído e arrastado histórica e culturalmente. Essas compreensões da diferença como desigualdade apontam para a possibilidade de interrogar uma sociedade que constrói silenciamentos e busca mantê-los, constrói normativas e acredita na sua inaptidão. Portanto, “[...] essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a ‘vontade de saber’ que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento” (FOUCAULT, 2017, p. 17).

Ou seja, são essas produções de verdades ocasionam produções discursivas que banalizam a sexualidade julgando a origem de uma matriz hierárquica com base a normalização da heterossexualidade, dando brechas a compreensão de que estas normativas e ideais construídos sobre gênero, masculinidades e sexualidades não se fazem somente por uma via de regra e sim contemplada por um leque de possibilidades concretas, para que possamos assim admitir que:

[...] a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas o produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecermos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas essencialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014, p. 89-90).

É importante compreender então que as possibilidades da integração da diversidade como um todo na escola se fazem presente. Logo, é necessário sobreviver e resistir aos silenciamentos e invisibilidades construídos em torno de questões de gênero e sexualidade, pois como Louro (2014) afirma, não se trata de questões que são vestimentas das quais possamos nos despir para uma construção de uma persona neutra para este espaço estar.

A presença de um professor homossexual no espaço escolar, ou qualquer extensão da escola como um todo, pode apresentar a



possibilidade de caminhos para a desconstrução de marginalizações, dignificação da existência da pluralidade e a visibilidade da diversidade. Pois quanto mais se busca a continuidade da ignorância de pautas que formam sujeitos e constroem identidades, mais a vontade de saber para além do que se tem propagado, além das coercitividades sociais se instaura e este pode se somar como um objetivo de desestabilização destes processos excludentes. É importante haver a possibilidade de encarar a dúvida como ferramenta de questionamento e desestabilização de uma sociedade que busca a garantia de uma normalidade padrão.

## Considerações Finais

Em nossa cultura ocidental industrializada, há uma construção social estigmatizante e produzida histórica e socialmente sobre a homossexualidade. Sob este viés, opera a crença da existência de um padrão inato que existe anterior mesmo ao nascimento dos sujeitos, sendo que este padrão é visto como garantia das adequações às construções de gênero, a instauração de um caminho religioso e a tendência inata a sexualidade heterossexual.

Esses mecanismos de controle e de regulação de identidades e corpos se constroem historicamente por produção de discursos sobre a sexualidade que marcam a homossexualidade como pecado, erro, anomalia e que por muitos anos houve a caça aos homossexuais, assim como a condenação à morte por essa sexualidade. Mesmo que essas concepções tenham consideravelmente sido abandonadas, assim como as marcas de patologia ou distúrbios, ainda há uma face conservadora que ousa se levantar e buscar a retomada destes valores equívocos.

Valores estes que buscam a garantia da propagação de preconceitos e discriminações sobre a homoafetividade. Essas garantias se buscam por diversas instâncias sociais, sendo uma delas o espaço escolar. A escola se mantém distante de questões de gênero e sexualidade e busca a garantia da adequação e manutenção de uma “sexualidade normal” e, neste cenário, faz a vigilância constante de todos e todas que estão em seus espaços, buscando a garantia dos silenciamentos e ignorando questões da sexualidade (LOURO, 2014).



A presença de um professor homossexual no espaço escolar pode vir a corroborar com a visibilidade para além das construções estigmatizantes sociais, apesar do posicionamento escolar procurar garantir que as identidades que são fora dos padrões sociais não ocupem seus espaços. As construções de gênero e sexualidade sempre se farão presentes, pois marcam e constroem sujeitos, identidades e personalidades e a declaração ou não sobre as sexualidades cabem a cada um ou cada uma, pois a sexualidade

[...] continua alvo da vigilância e do controle, agora ampliaram-se e diversificaram-se suas formas e regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhes as normas, a definir-lhe os padrões de pureza, sanidade ou insanidade, a delimitar-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames. (LOURO, 2021, p.25).

E são as vivências e resistências de questões da sexualidade que marcam essas existências em um espaço que busca atender e garantir as demandas de uma sociedade que busca manter a continuidade de normas e discriminações. E mesmo que a visibilidade resista, em face do crescente conservadorismo, esse embate ainda se faz presente. A tentativa da retomada de valores que não contemplam e nem dignificam a possibilidade de contemplar a existência da pluralidade da diversidade, num contexto em que:

[...] alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2021, p. 26).

Consequentemente, a maior visibilidade de vivências fora dos padrões apresentam a possibilidade de compreensão da existência para além das marginalizações e estigmas sociais, o que gera um levante de busca da garantia de uma retomada de valores em nome da família, da tradição e da moral, pois como afirma Foucault (2017), o casal legítimo ele faz e dita as regras e os poderes, aos demais determinam a nomeação de anormais e lhes cobram os preços.

Mesmo com a busca da retomada de discursos em favor da continuidade, que não contempla e nem dignifica a existência da diversidade, a visibilidade se faz como via da possibilidade de



problematização e desconstrução. Neste sentido, apresentam o caminho de poder questionar conceitos e construções sociais que se encontram marcados por processos desiguais e discriminatórios, que ainda encontram espaços para se fazerem presentes nos contextos atuais. É por esta compreensão de que os processos históricos e culturais que marcaram e ainda tentam marcar a existência da diferença como desigualdade que resistir em face da garantia dos padrões se faz como resistência, resistir pela garantia de compreender a multiplicidade de construções de gênero e sexualidade para além do que se chamam de normal e inato.

## Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edições 70 Lda., Lisboa, 2002.
- BERTUCCI, Janete L. O. Metodologia. In: Janete L. Bertucci. *Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu*. São Paulo: Atlas, 2014.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão -da identidade* 18ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa. In: Antonio Chizzotti. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, Cap. 1. p. 17 – 33, 2014.
- DE MOURA, Renan Gomes; NASCIMENTO, Rejane Prevot; BARROS, Denise Franca. O problema não é ser gay, é ser feminino: O gay afeminado e as organizações. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 4, n. 11, p. 1478-1541, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GASPODINI, Icaro Bonamigo; JESUS, Jaqueline Gomes de. Heterocentrismo e ciscentrismo: crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. *Revista Universo Psi: Taquara*, v.1, n.2., p.33-51, 2020.



KERN, Francisco A.; SILVA, Andre Luiz da. *A homossexualidade de frente pro espelho*. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 508-515, 2009.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Vamos falar de sexualidade. In: LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. 1. ed. São Paulo: Editora reviravolta, Cap. 5. p. 68-80, 2016.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Violência de gênero e a experiência da escola. In: LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. 1. ed. São Paulo: Editora reviravolta, Cap. 4. p. 54-67, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, Cap. 3. p. 43-53, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, Cap. 1. p. 7 – 45, 2000..

LOURO, Guacira Lopes. Uma política pós-identitária para a Educação. In: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. 3.ed. rev. amp.;3. reimp— Belo Horizonte: Autêntica, Cap. 3. p. 25-50, 2021.

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 33-53, 2012



SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul.-dez. p. 71-99, 1995.

SOARES, Douglas Verbicaro. A condenação histórica da orientação sexual homossexual – as origens da discriminação à diversidade sexual humana: violações aos direitos sexuais – reflexos do Brasil Colônia ao Século XXI. *Hendu – Revista Latino-Americana de Direitos Humanos*, [S.l.], v. 7, n. 1, ago. 2016. ISSN 2236-6334.

SOUZA, Jane Felipe de. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 217-227, 2012

## Gay And Teacher: Relations Of The Homosexual Presence In The School Space

**ABSTRACT:** The perspective of a sexuality seen socially as “normal” carries historical and social processes that form a stigmatizing mark on homosexuality. In this sense, the aim of this study is to reflect on the issues that permeate male homosexuality and the presence of gay teachers in the school space, highlighting how their experiences are in this place. For this qualitative research in education, the analysis of interviews carried out with seven homosexual teachers was used. Through the obtained data, it was possible to verify the declaration, or not, of sexuality in the school space and how the experiences unfold from the presence of a homosexual teacher in the school space, the relationships with other teachers, as well as the relationships with students and students. The results show the possibility of the presence of a homosexual teacher in the school space as a way of making this sexuality visible, beyond the discriminatory and stigmatized constructions of society, which can corroborate the understanding of the construction of the plurality of the concepts of gender and sexuality .

**KEYWORDS:** Gender; Sexuality; Homosexuality; Education; Homosexual Teachers.

**Marllon Caceres GONÇALVES**

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

*Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2020). Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2016). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).*

*E-mail: marllon.caceres@gmail.com*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7687-1473>*

**Josiane Peres GONÇALVES**

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

*Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Pós-Doutorado pela mesma instituição. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). E-mail: josiane.peres@ufms.br*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7005-849X>*

*Recebido em: 06/05/2022*

*Aprovado em: 01/12/2022*